

Gutman Uchôa de Mendonça

Escreve aos sábados e às terças-feiras neste espaço
Site: www.uchoademendonca.jor.br

Tem mais de 20 anos que os usuários da Terceira Ponte reclamam de uma tal de Praça do Cauê, que fica na descida atravancando o trânsito

Coisas difíceis

Estava discutindo com um amigo, no Rio de Janeiro, sobre a tragédia educacional do Brasil. Observávamos que 72% dos 202 milhões habitantes são analfabetos funcionais. Sabem ler, mas não sabem traduzir o que leram.

A sociedade produtiva, aquela que pensa, realiza, constrói, paga impostos, não ultrapassa a 20%. Quem empurra esta formidável nação para a frente são conhecidos como “loucos empreendedores”, ou “ladrões”, pelas autoridades governamentais, que os perseguem de forma impiedosa, para arrancar-lhes os últimos tostões com pesadas multas, as mais infames formas de taxas e emolumentos, malditos processos burocráticos, afora 68 obrigações fiscais e parafiscais.

Falta-nos educação. Cito como exemplo povos civilizados: os alemães e os japoneses. Não existem limites de velocidade nas rodovias alemãs, simplesmente porque no país onde o primeiro automóvel brotou da imaginação

dos seus filhos ninguém precisa dizer aos condutores o limite de velocidade que devem respeitar, para ter segurança. No Japão, é a mesma coisa. Existem outros países onde a sociedade se polícia, como os casos da Noruega, Dinamarca, onde cada qual busca viver dentro dos limites do respeito aos seus semelhantes.

Por falta de educação de nossa sociedade, os instrumentos – barreiras eletrônicas, quebra-molas e outras mutretas – dão a demonstração de que o objetivo das autoridades não é educar, é extorquir, através das barreiras eletrônicas, colocadas nos lugares mais desnecessários, para flagrar os incautos. Tem mais de 20 anos que os usuários da Terceira Ponte, em Vitória, reclamam de uma tal de Praça do Cauê, que fica na descida da ponte, atravancando o trânsito. Não tiraram aquele vergonhoso empecilho dali, por medo de meia dúzia que joga tênis nas suas quadras.

Quem vem de manhã para Vitória, pela Segunda ou Terceira Pontes, sente a incapacidade técnica dos responsáveis pela engenharia de trânsito. Será que, com a brutal arrecadação de impostos, não sobra dinheiro para se construir passagens alternativas? Onde vai tanto dinheiro? Qual o motivo para não se buscar soluções para a mobilidade urbana?



José Roberto Andrade

É advogado e presidente da Comissão de Igualdade Racial da OAB-ES

Mais da metade dos 49.932 mortos por homicídios em 2010 no Brasil eram jovens, dos quais 76,6% negros (pretos e pardos) e 91,3% do sexo masculino

Não é por R\$ 2,45

Quando vi o vídeo e a reportagem sobre o espancamento do jovem operador de máquinas Wedson Oliveira, que causou grande repercussão e revolta nas redes sociais, me veio a imagem de um abuso cometido em outro país, mais especificamente em Montgomery, capital do Alabama, quando, no dia 1º de dezembro de 1955, a costureira Rosa Parks se negou a levantar e ceder seu lugar no ônibus que a transportava ao trabalho. Ela não foi espancada. Foi detida e levada para a prisão, iniciando a partir daí um grande movimento por direitos civis nos Estados Unidos que teve Martin Luther King como um dos principais líderes.

Segundo o próprio Wedson, o ônibus em que embarcou estava lotado, e tendo já uma mulher sido autorizada a entrar com suas crianças pela porta dos fundos, ele também entrou com as dele, uma vez que sua esposa já estava entrando pela frente para pagar as passagens. Este incidente, mais que demonstrar que o transporte público de qualidade ainda não é uma realidade e uma alternativa concreta para os congestionamentos da Capital, demonstra um cenário mais cru e lamentável.

Wedson poderia ser de qualquer grupo étnico, mas coincidentemente era negro. Coincidentemente? O fato vem engrossar os casos de violência cometidos contra jovens negros de periferia, incluída a violência policial, motivo de várias denúncias de movimentos sociais que ensejaram políticas públicas como o “Plano Juventude Viva” e a recente marcha nacional, também organizada no Centro da Vitória, no dia 22 de agosto, com o título “Reaja ou será morto, reaja ou será morta”, quando mais de 50 mil pessoas se mobilizaram em todo o país.

Estatísticas oficiais registram que os homicídios são a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil e atingem, especialmente, jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do Ministério da Saúde mostram que mais da metade (53,3%) dos 49.932 mortos por homicídios em 2010 no Brasil eram jovens, dos quais 76,6% negros (pretos e pardos) e 91,3% do sexo masculino.

Foge de qualquer razoabilidade que uma passagem do Sistema Transcol no valor de R\$ 2,45 seja o motivo de tão desproporcional brutalidade. Principalmente considerando que não houve recusa de pagamento. Esta cena poderia passar por corriqueira em um engenho do século XVI, mas estamos no século XXI, os tempos são outros e os atores sociais não podem continuar a encenar o mesmo drama.